Por mais importante que seja a atualização tecnológica do museu, a sua segurança depende fundamentalmente de pessoas bem treinadas, bem preparadas e comprometidas com a sua missão. O roubo e o furto ameaçam os museus e, por isso mesmo, eles devem estar preparados para enfrentá-los; no entanto, é igualmente importante que os museus estejam preparados para os atos de vandalismo e de terrorismo, bem como para outros acidentes provocados pela ação humana e pela ação da natureza, tais como: terremotos, nevascas, maremotos, enchentes, raios, deslizamentos de pedras e terras e outros.

A segurança museal tem uma dimensão interdisciplinar: a busca de eficácia, eficiência e excelência nessa área passa pelo respeito aos saberes vivenciados e acumulados no campo da educação, da arquitetura, da administração, da pesquisa e da inovação tecnológica. Procedimentos simples como controle do claviculário, ronda diária, vistoria do livro de assinaturas e do livro de comentários, acompanhamento e controle dos seguranças terceirizados, atenção redobrada nas trocas de turnos, treinamento com extintores vencidos, acompanhamento das previsões meteorológicas, construção de um plano de retirada de pessoas e de um plano de retirada de obras são fundamentais para a segurança do museu. Nenhum museu está inteiramente seguro, não há uma tipologia única de risco.

Por compreender que o investimento na área de segurança é decisivo para os museus brasileiros, o Departamento de Processos Museais (Depmus) do Ibram decidiu inaugurar a publicação dos Cadernos Museológicos com um número especialmente dedicado ao tema.

O projeto dos Cadernos Museológicos foi construído e vem sendo alimentado desde o início da primeira década do século XXI. Depois de idas e vindas conseguimos agora publicar o primeiro caderno. O plano geral envolve a publicação de pelo menos mais seis cadernos, além do de Segurança em Museus: Museus e Acessibilidade; Educação Museal; Expografia Museal; Plano Museológico; Conservação de Acervos Musealizados; e Documentação Museológica.

O Caderno Museológico que o leitor tem nas mãos é resultado de um trabalho coletivo, um trabalho que contou com a contribuição de Átila Tolentino, Cícero de Almeida, Cláudia Storino, Eneida Braga, Marcio Rangel, Rose Miranda, além do nosso editor, Álvaro Marins, e do nosso presidente, José do Nascimento Júnior, além de muitos outros. A todos os que direta ou indiretamente contribuíram para essa publicação: o nosso muito obrigado! Oxalá essa publicação seja útil.

Mário Chagas
Poeta, museólogo, doutor em Ciências Sociais
e Diretor do Departamento de Processos Museais
do Ibram.

ISBN 978-85-63078-15-5

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Segurança em Museus

Cadernos Museológicos

Volume 1

ibram

Segurança em Museus

Cadernos Museológicos

Volume 1

Rosaria Ono e Kátia Beatris Moreira

Museus e seguranças

Superman, Batman, Mulher Maravilha, Aquaman, Lanterna Verde, Mickey Mouse, Pateta, Patinhas, Tim Tim, a Turma do Scooby-Doo e a Turma da Mônica são personagens que, vez por outra, em filmes, histórias em quadrinhos, desenhos animados e games debruçam-se sobre problemas e enigmas que afetam diretamente o universo dos museus. Em suas peripécias, impregnadas de drama, mistério, humor, aventura e emoção, eles enfrentam vilões que praticam crimes contra o patrimônio cultural musealizado.

Já há algum tempo esses e outros personagens do mundo da ficção indicam a entrada dos museus na era da insegurança e registram sua condição de cenário no que se refere a conflitos provocados por motivos diversos: mercadológicos, políticos, ideológicos, raciais, éticos e religiosos, entre outros.

Desde o início da idade moderna e da criação de museus integrados a projetos de construção de nações, o patrimônio museológico vem sendo tratado como âncora de valores simbólicos e de valores econômicos e, por isso mesmo, como bens que provocam desejos e cobiças. A atribuição de valores simbólicos passíveis de provocar disputas e litígios, bem como o esforço sistemático de imputar valores pecuniários aos bens musealizados, constituem uma forte evidência da conexão desses bens com o presente e com os problemas e questões do mundo contemporâneo.

O reconhecimento de que os museus lidam com bens culturais que se quer preservar, e que estão permanentemente submetidos a determinados perigos, implica a compreensão da necessidade de se desenvolver programas, projetos e ações que ampliem as suas condições de segurança. A segurança nos museus é uma meta que se renova cotidianamente. Não há no Brasil um museu que possa ser considerado perfeitamente seguro; a segurança é um processo sistemático de aperfeiçoamento.

A segurança dos museus é tema de destacada importância e exige dedicação e atenção diuturnas. O acúmulo de conhecimentos de caráter geral e específico, teórico e prático, técnico e operacional é fundamental para a adoção de procedimentos capazes de prevenir e evitar acidentes provocados pela ação humana e pela ação da natureza.

A construção, implantação, avaliação e correção de programas de segurança nos museus brasileiros é um desafio que se renova. Esse desafio passa pelo enfrentamento de pelo menos cinco ilusões que precisam ser superadas:

1ª. Ilusão – novas tecnologias garantirão a segurança do museu;

2ª. Ilusão – as únicas ameaças à segurança do museu são o furto e o roubo;

3ª. Ilusão – a segurança museal é uma exclusividade da museologia;

4ª. Ilusão – apenas procedimentos "complexos" dão segurança ao museu;

5ª. Ilusão – o meu museu é seguro.